

Breve achega à geografia do Vale do Quireça (Terra de Montes)

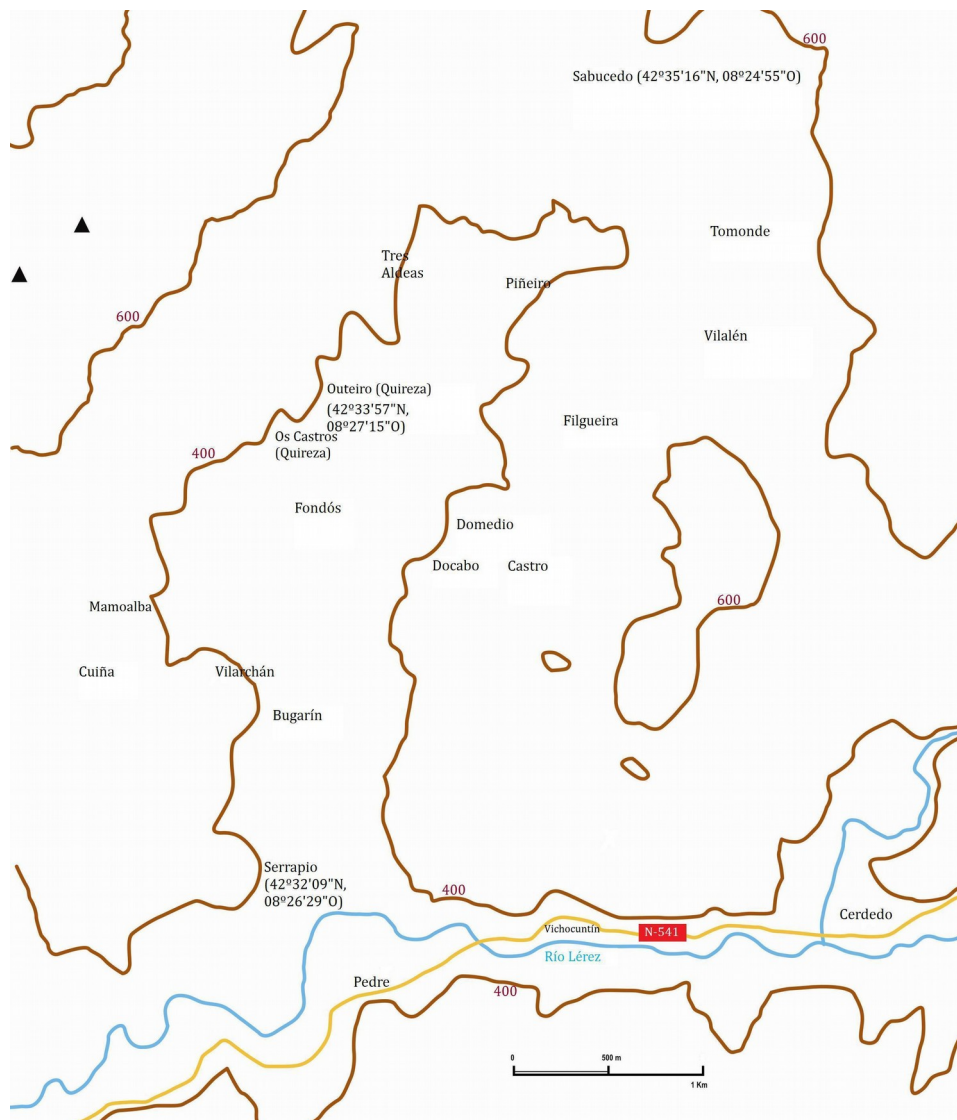
Xoán M. Paredes ()*

Situando o Vale

Começa a discorrer o Vale do Quireça onde se recolhem as primeiras águas que logo virão ser o próprio rio Quireça, e este não é outro local que o Outeiro Grande, nas imediações da estradense paróquia de Sabucedo, famosa por acolher cada ano a chamada *Rapa das Bestas*. Desde aí o rio cumpre em poucos quilómetros a sua missão de esculpir o viçoso vale de forma combeada em sentido nordeste/sudoeste, que rematará na confluência com o rio Leres no seu percurso cara à cidade de Ponte Vedra, entre as aldeias de Serrápio e Pedre, no concelho de Cerdedo. É, de facto, neste concelho onde se encontram a maioria das paróquias que abrange o Vale (tirando Sabucedo): Tomonde, Castro, Pedre e, claro está, Quireça, todas elas da bisbarra de Terra de Montes, no sector meridional da Dorsal Galega.

Figura 1

Mapa do Vale do Quireça



Fonte: X.M. Paredes,
Noa Rios Bergantinhos,
Google Maps, 2012.

Quireça é o nome do rio, do vale e duma paróquia, cenário por certo de crudelíssimos conflitos durante a Guerra de Independência de princípios do S.XIX. Estas terras são zona de assentamento muito antigo, com certeza desde a Idade do Bronze como mínimo (tendo em conta, por exemplo, a toponímia, achádegos arqueológicos e etnografia da contorna), povoado de forma ininterrupta até dia de hoje. São lugares que viveram desde a prosperidade e efervescência da actividade canteira da comarca ata o passeninho abandono e injusto esquecimento actual. Todo o vale apresenta deste jeito uma paisagem altamente antropomorfizada onde rio, chairas, socalcos, caminhos, lindes e marcos, moinhos de grão agora esnaquiçados, majestosas pontes medievais ainda desafiantes, cristianizadoras capelas de ancestrais cultos célticos em curutos de outeiros, amplas calçadas romanas, casas como que surgidas das lajes graníticas e o bolorento testemunho dum infinito número de muros de pedra a decorrerem por quilómetros sem fim, combinam-se para criar unha muito intensa mas amável e madura sensação de humanização.

Figura 2

As paróquias do Vale em cifras

Paróquias	População	Extensão (km²)	Densidade (h/ km²)	Núcleos
<i>Sabucedo</i>	62	5	12,4	1 (Sabucedo)
<i>Castro</i>	165	6	27,5	4 (Bugarim, Docabo, Domedio, Filgueira)
<i>Pedre</i>	189	5	37,8	3 (Pedre, Serrápio, Vichocuntim)
<i>Quireça</i>	417	15	27,8	9 (Cuínha, Fondós, Laxoso, Mamoalba, Os Castros, Outeiro, Pinheiro, Três Aldeias, Vilarchão)
<i>Tomonde</i>	227	6	37,8	5 (Barbeira, Devesa, Fráguas, Vilalém, Tomonde)
Total	1.060	37	28,66	22

Fonte: Instituto Galego de Estatística, consultado em 2012, com dados de 2001 e 2009.

Os núcleos e cultivos situam-se nas partes intermédias, procurando as ladeiras de solaina, fugindo tanto das bretemosas beiras fluviais e ocasionais chairas de inundação como dos cúmios e partes escarpadas mais expostas à geada e vento.

A natureza do Vale

E é que o Vale do Quireça não resulta hostil à vida, apesar de poder ser definido como terra de meia montanha, oscilando entre os 768 metros do Monte Caveiro (paróquia de Quireça) e os 330 de Serrápio (paróquia de Pedre). Certo é que a agricultura vê-se dificultada pela orografia, o que não impede a existência de cultivo de milho, centeio, batatas e hortaliças, assim como a cria de gaderia bovina ou a exploração florestal em mancomum a maior altitude, em montes principalmente

vizinhas repovoados com pinheiro, castinheiro, noqueira e carvalho americano, além da omnipresente presença do inefável eucalipto, uma praga que há poucas décadas disque produzia algum benefício. Pouco ficam das carvalheiras autóctones, bidueiros e maior parte do bosque de ribeira, também em parte motivado pelo avanço das cultivos e pastos forrageiros. Ao ascendermos vemos espreguiçarem-se já as matogueiras e as formas despidas das rochas graníticas.

Figura 3



Fonte: X.M. Paredes, 13/03/2012.

Confluência Quireça-Leres

O encontro entre os truiteiros rios Quireça (parte esquerda da foto) e Leres (direita), justo antes de fluírem baixo a abraiante ponte medieval no caminho – outrora calçada romana, e ainda anterior – entre Pedre e Serrápio, em 42°31'58.5"N, 08°26'27.7" O.

Ficam na beira esquerda pequenas chairas de inundação empregadas mormente para pastos.

O Vale do Quireça, como em geral a área que lhe rodeia, está baixo o domínio climático oceânico, mostrando algumas características transicionais ao continental, pois não deixa de distar já uns trinta quilómetros da costa e a altitude incrementa este factor neste caso. Assim pois as temperaturas tendem a ser frescas dentro de variações moderadas, com uma média anual justo por debaixo dos treze graus; o mês mais frio é Janeiro com 7,9°C de media, com Julho e Agosto figurando como os mais quentes arredor dos 20°C de média, resultando uma oscilação térmica de 12,1°C. Leve-se em conta, isso sim, que a proximidade do rio incrementa nalguns lugares a sensação térmica de frio e frequência de névoas, se bem o que realmente altera as estatísticas médias de temperatura (sempre orientadoras) uma vez no terreno é a altitude, pois quanto mais ascendamos mais rapidamente descera o termómetro.

As precipitações - normalmente em forma de chuva, se bem a neve não é uma estranha - são favorecidas pela situação aberta à influência dos ventos do sudoeste e o efeito de barreira pluviométrica que realizam os relevos montanhosos. Isto resulta em cifras de precipitação relativamente altas, com uma média anual para a zona de 1.800 mm. O máximo pluviométrico dá-se no inverno, quando se recolhe arredor do 36% da precipitação total anual, fronte ao escasso 10%

registado no verão, provocando só um débil deficit hídrico. Seja dito que estes registos também estão afectados pelo gradiente de altitude, onde neste caso temos mais chuva quanto mais alto nos desprazemos.

Gente no Vale

Preocupa o porvir dos e das habitantes do Vale, por não dizer de toda Terra de Montes, sempre sob a ameaça das barragens, lumes e declive económico e populacional. Realmente, a evolução demográfica da zona no S.XX foi muito negativa, reduzindo-se os habitantes em quase a metade, fora por emigração (muitos e muitas cara a norte-América, bem até os 1980) ou simples diminuição abrupta do crescimento vegetativo desde a década do 1960, chegando ao -11,5‰ no 2006. A diminuição da população continuou nos inícios do S.XXI, e assim entre 2001 e 2007 cifrou-se no 4,43% para o total do Concelho de Cerdedo, numa mistura de envelhecimento (36,5% maiores de 65 anos) e emigração dos mais novos (8% menores de 20 anos) às cidades de Vigo e Ponte Vedra, principalmente.

Estes números não reflectem, aliás, um outro problema: a desestruturação funcional e territorial da zona em geral onde, por exemplo, a dia de hoje a cifra de 189 censuados na paróquia de Pedre agocha a realidade de que muitos podem estar registados, mas não necessariamente residirem aí, pois a aldeia conta com algo mais duma dúzia, se tal, de casas habitadas permanentemente. Tristes números se pensamos ainda que nos seus tempos de esplendor esta paróquia contava com perto de 500 almas. Igualmente, dos três núcleos da paróquia um está abandonado (Vichocuntim) e Serrápio tem 5 habitantes, triste presságio duma nova aldeia fantasma. Por desgraça este tipo de situações são extrapoláveis ao resto do Vale.

E ainda os e as que ficam têm que encarar uma situação económica cada vez mais incerta e precária, onde resta uma cativa provisão de serviços, minúscula ocupação industrial e as sempre presentes actividades agropecuárias tradicionais que quando não são o ofício principal, em modo de subsistência, emergem para fornecerem algum alívio a maiores dalguma outra ocupação, ou pensão.

Contudo, há que salientar por último e por justiça que tanto no Vale do Quireça como em toda a Terra de Montes agromam em toda parte elementos de altíssimo interesse turístico e cultural, de valorização patrimonial, desde restos arqueológicos a uma paisagem cativante. É dizer: recursos sem dúvida avondo para recuperar um enclave mágico e orgulhoso de tempos antigos, que se perdido muitos choraríamos amargamente, tanto pelo lugar como por aqueles a aquelas que para sempre ficariam pobres ao não te-lo nunca conhecido.

(*) **Xoán M. Paredes** (Ponte Vedra, 1975). Licenciado em Geografia (USC), *MPhil* em Geografia Aplicada (*National University of Ireland*).

Em mais duma década associado profissionalmente à Universidade de Cork (Irlanda), Xoán foi investigador, tutor e professor no Depto. de Geografia, assim como assessor cultural e professor convidado no Centro Irlandês de Estudos Galegos e Leitorado de Português. Trabalhou também como bibliotecário e administrativo na *Boole Library* da mesma universidade. Além disso, entre outras actividades, foi consultor linguístico do Ministério de Educação e Ciência irlandês. Voltou à Galiza no verão de 2010, para pouco depois ir residir à aldeia de Pedre, onde moraria quase um ano e meio. Na actualidade trabalha como professor de idiomas e consultor na cidade de Ponte Vedra. É, também, membro activo duma série de associações culturais.

Este texto foi encomendado e escrito originalmente no 2012 para entrar a formar parte do livro colectivo “O Val de Quireza”, coordenado pelo Prof. Carlos Baliñas, e que saiu finalmente do prelo em Agosto de 2015, publicado pela *Deputación de Pontevedra*.